

SIMPÓSIO AT159

O PAPEL DO *OUTRO* NA ENUNCIÇÃO: NEGOCIAÇÃO E INFLUÊNCIA NA ESCRITA CONJUNTA¹

PRADO, Anne Caroline Dias Rocha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
annerochaprado@gmail.com

PEREIRA, Márcia Helena de Melo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
marciahelenad@yahoo.com.br

Resumo: Neste trabalho, analisamos as estratégias de negociação de uma dupla de estudantes universitários durante o processo de construção de uma resenha acadêmica, a fim de verificar de que maneira um influencia o outro no processo enunciativo, fazendo com que um dos componentes da dupla se sobressaia. Embasamo-nos teoricamente na perspectiva dialógica da linguagem, postulada pelo teórico russo Mikhail Bakhtin (2011; 2014; 2018). De acordo com o filósofo, a linguagem é essencialmente dialógica e tem como objetivo a comunicação entre o falante e o ouvinte, entre o eu e o outro. Para o autor, a real unidade da comunicação discursiva é o enunciado, cujos limites são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso. Além disso, o enunciado está completamente ligado aos contextos verbal e extraverbal do discurso e às enunciações do outro. Dessa maneira, é o outro quem orienta a enunciação, já que as escolhas linguísticas do falante são feitas sob a influência do seu interlocutor e da sua resposta antecipada. Levando em consideração esses pressupostos, refletimos a respeito do papel ativo do outro na enunciação numa produção textual feita conjuntamente. Para alcançar nossos objetivos, utilizamos dados do processo de construção de uma resenha acadêmica escrita pelos estudantes M. e M.L., a partir da curta metragem *Vida Maria*. Nossos dados revelam que houve intensa negociação entre os componentes da dupla e participação efetiva de ambos, mostrando que tanto M. quanto M.L. influenciaram e foram influenciados na mesma medida e, dessa forma, nenhum dos dois sobressaiu em relação ao outro.

Palavras-chave: escrita conjunta; negociação; influência; dialogismo.

Abstract: In this research paper, we analyzed the negotiation strategies of a pair of university students during the process of construction of an academic review, in order to verify how one influences the other in the enunciative process which makes one of the components of the pair of students standing out. As a theoretical basis we used the dialogical perspective of language, postulated by Russian theorist Mikhail Bakhtin (2011, 2014, 2018). According to the philosopher, language is essentially dialogic and aims at

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código 001 e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

communication between the speaker and the listener, between the self and the other. For the author, the actual unit of discursive communication is the statement, which limits are defined by the alternation of the subjects of discourse. Moreover, the statement is completely linked to the verbal and extraverbal contexts of discourse and the enunciations of the other. In this way, it is the other who guides the enunciation, since the linguistic choices of the speaker are made under the influence of his interlocutor and his anticipated response. Taking these presuppositions into consideration, we reflected on the active role of the other in enunciation in a joint textual production. To reach our objectives, we used data from the construction process of an academic review written by students M. and M.L., from the short film *Vida Maria*. Our data showed that there was intense negotiations between the components of the pair of students and their effective participation which indicates that both M. and M.L. influenced and were influenced to the same extent and, therefore, neither of them stood out in relation to the other.

Keywords: joint writing; negotiation; influence; dialogism.

Introdução

Escrever conjuntamente é uma prática que requer participação, negociação e escolhas de todas as partes envolvidas. Neste trabalho, analisamos o processo de construção de uma resenha escrita por dois estudantes universitários, buscando observar as estratégias de negociação dos sujeitos, suas escolhas linguísticas e a participação efetiva de cada indivíduo durante a produção textual, com vistas a verificar a influência do outro na enunciação.

Nossa principal base teórica é a perspectiva dialógica da linguagem, empreendida por Bakhtin (2011; 2014; 2018). De acordo com o teórico russo a linguagem é atravessada por relações dialógicas e seu objetivo é a comunicação discursiva entre sujeitos socialmente organizados. Assim, o ponto de partida da dinâmica discursiva é a interação social, que resulta na enunciação. Para o autor, o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva, e este é inseparável dos contextos verbal e extraverbal do discurso e das enunciações do outro. Dessa maneira, o papel do outro na comunicação discursiva é indispensável.

A partir dessas considerações, perguntamo-nos: Como se dá o processo de negociação de dois sujeitos escrevendo conjuntamente, até chegar ao produto final? De que maneira um influencia o outro em suas escolhas? Um dos componentes irá sobressair em relação ao outro e suas escolhas se mostrarão

mais predominantes no texto? São essas questões que buscamos responder a partir de agora.

1. A perspectiva dialógica da linguagem

O conceito de dialogismo é a base de toda discussão bakhtiniana, e, em uma relação intrínseca com noções como as de enunciação, enunciado e interação, funda a concepção de linguagem do filósofo russo.

De acordo com Bakhtin (2018) as relações dialógicas transpõem toda a linguagem humana e todas as manifestações e relações da vida humana. Assim, a linguagem só existe na comunicação dialógica daqueles que a utilizam e “viver significa participar do diálogo” (BAKHTIN, 2011, p.348).

A linguagem, segundo o filósofo russo, é uma prática social que tem como objetivo a comunicação entre o eu e o outro, entre o falante e o ouvinte. Segundo o autor, a realidade material da linguagem é a língua, que tem como verdadeira substância o fenômeno social da interação verbal que se realiza através da enunciação ou das enunciações (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Dessa forma, apenas na relação eu-outro, falante-ouvinte, a enunciação é possível. Nas palavras de Bakhtin: “a enunciação é o produto da interação entre dois sujeitos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116).

O teórico ainda sugere que o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva, e seus limites são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso: desde o início da enunciação, o falante aguarda a resposta do seu interlocutor ou uma ativa compreensão responsiva; o interlocutor ocupa uma ativa posição responsiva, concordando, discordando, completando, reformulando, etc. (BAKHTIN, 2011). Nesse sentido, segundo o autor, toda palavra possui duas faces: ela parte de alguém e se dirige para outro alguém (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).

Cabe salientar que, ao falar de dialogismo, Bakhtin não se restringe à comunicação face a face, em voz alta, ela trata de toda comunicação verbal. O livro, por exemplo, é, para o autor, objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo. Além disso, “[um] livro é sempre orientado em função das intervenções

anteriores” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.128). Nessa perspectiva, para o estudioso, o outro é também o(s) outro(s) discurso(s) que atravessa toda a enunciação: “O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*” (BAKHTIN, 2011, p. 298). De acordo com o teórico, ao produzir um discurso, o indivíduo sempre leva em consideração outros discursos e, em qualquer enunciado, há uma série de palavras do outro, carregadas de expressão e juízos de valor, assimiladas, reelaboradas e reacentuadas.

Portanto, em toda obra bakhtiniana, a indispensabilidade do outro na comunicação discursiva é sempre reiterada.

2. Análise dos dados

O grande diferencial do nosso trabalho é o *corpus* que possuímos, composto de dados do processo de construção de uma resenha escrita por uma dupla de estudantes do curso de Ciência da Computação de uma universidade pública, a partir do curta metragem *Vida Maria*. Esses dados são: a gravação de áudio do momento da elaboração textual; a gravação de áudio e uma entrevista posterior feita com os estudantes; transcrições dessas duas gravações; o rascunho do texto; o texto considerado pronto pelos escreventes.

Vejamos, então, as estratégias utilizadas por M. e M.L., nossos sujeitos de pesquisa, para produzir o texto conjuntamente. Como dispomos de pouco espaço, apresentaremos apenas alguns exemplos, a título de ilustração.

Primeiramente, vamos observar o momento inicial da produção textual, em que os estudantes comentam a respeito do curta metragem a ser resenhado e começam a ter ideias sobre o que colocar na resenha:

M.: Ah, eu gostei do filme. Foi bonitinho. Meio triste, mas é bonitinho. Eu num sei se você reparou, no início dizia que era do... ganhou alguma coisa, algum prêmio no Ceará. Num sei se você viu. Logo no início do filme.

M.L.: Hunrum. Hunrum. Então... O que que a gente vai fazer?

M.: Bom, primeiro a gente tem que... Como a gente é de computação, primeiro a gente tem que analisar a arte gráfica, (risos).

M.L.: Deus me livre. Não. (Risos). Quéta moça. Se não, a gente vai estragar o enredo.

M.: (Risos) Tô brincando.

M.L.: É... Também a gente pode falar dessa parte.

M.: É. Porque é uma animação, né?

M.L.: A gente fala da qualidade e tal.

M.L.: Mas, e aí? Faz ideia?

M.: Bom, primeiro vamo começar... (Pausa) [Deixa eu colocar aqui...]. Num sei... A gente primeiro fala o quê? Que ganhou o prêmio... Cadê?
(Reproduzem o vídeo).

M.: Oí... 3º Prêmio do Ceará de Cinema e Vídeo. Tem que falar um pouco sobre a obra primeiro, né? Obra... (Pausa)

O que chama a nossa atenção neste primeiro fragmento são as ideias formuladas pelos escreventes: (i) falar sobre a arte gráfica do vídeo; (ii) começar o texto falando sobre a obra; (iii) dizer que o curta metragem ganhou um prêmio. Aqui, ainda não é possível dizer se um dos componentes da dupla está se sobressaindo em relação ao outro, mas já vemos a influência de M. sobre M.L., visto que todas essas ideias foram pensadas pelo primeiro e aceitas pelo segundo. Vale dizer que, nesse momento da produção, a alternância dos sujeitos do discurso é bastante perceptível: um falante termina seu enunciado e passa a palavra ao outro ou dá lugar à sua compreensão ativamente responsiva. Portanto, a relação falante-ouvinte, eu-outro, está funcionando da maneira postulada por Bakhtin (2011).

Adiante, a dupla faz uma interpretação do filme, refletindo sobre aspectos sociais reais. Vejamos:

M.L.: Tá aqui o nome da obra... Ganhou um prêmio...

M.: Qual é o nome do projeto? (Lendo) Este projeto é apoiado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Governo do Ceará... Poxa, que massa que o governo do Ceará propõe!

M.L.: É como se falasse pra galera estudar, né véi? Mas, tipo assim, mostrando o... Comé que eu posso dizer? A realidade.

M.: Hunrum.

M.L.: Como se falasse assim, que a galera tem um interesse em estudar, mas por conta das circunstâncias que eles tão vivendo aí acaba mudando o interesse: O interesse sai de estudo pra sobrevivência.

M.: O que, de uma certa, forma é até ignorância...

M.L.: Anram.

M.: ...por parte do...

M.L.: É.

M.: ...dos pais, no caso. Ele viveu aquilo e aí tá reproduzindo, ao invés de tentar fazer diferente.

Nos excertos acima, os estudantes comentam que o curta-metragem traduz uma realidade do Brasil, em que muitos acabam deixando os estudos para trabalhar. Em outro momento, essa discussão vem à tona novamente:

M.L.: Aí você entende que é a mesma história pra todo mundo... é sempre a mesma história. Porque se você for parar pra reparar a mãe de Maria José tava de preto também, ou seja, detrás dela tava rolando um, um enterro.

M.: Foi?

M.L.: Ó, repara pra você ver.

M.: Eu num, num reparei isso não.

M.L.: Ó lá.

M.: É, ta de preto. Mas num tinha gente aqui não, ó... na sala.

M.L.: Mas perceba que, no final do vídeo, ela também está de preto. Ai depois você entende que ela tá botando a menina pra ir pra sala, bem assim, no início: "Você não vê que não é hora de tá fazendo isso?"

M.: É verdade. (Pausa) É verdade.

M.L.: Entendeu? (Pausa) Ou seja, enquanto tá todo mundo lá velando o corpo de alguém, sei lá, que é da vó dela, ela tem que ajudar nos serviços domésticos.

M.: É, porque a cena é reproduzida igualzinha no final.

M.L.: Hunrum.

M.: É verdade.

M.L.: Entendeu o que eu falei?

M.: Hunrum. Entendi. E ela se acomodou com a vida que levava...

M.L.: Hunrum.

M.: Porque, por mais que a mãe dela pudesse ter obrigado ela a fazer isso, ela poderia ter feito diferente...

Antoim (Risos).

Como vemos, M. e M.L. reforçam a reflexão que fizeram anteriormente, a partir da compreensão de que o filme mostra a história da rotina da personagem Maria José, uma menina que é obrigada a abandonar os estudos para cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça e, enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos e envelhece, e, assim, o ciclo continua a se reproduzir nas outras Marias, suas filhas, netas e bisnetas.

Essas observações que os escreventes fazem durante a produção textual são posicionamentos ideológicos construídos socialmente. Conforme salienta Bakhtin/Volochínov (2014), a comunicação discursiva só se concretiza no contexto social e histórico real, o que implica um contexto ideológico real. Para o autor, a palavra é ideológica por excelência e a língua é inseparável do seu conteúdo ideológico. Dessa forma, a palavra é sempre carregada de uma carga de valores que expressam opiniões, choques e contradições da sociedade.

Outro aspecto que queremos destacar nesses trechos do diálogo entre M. e M.L. é a plena concordância que ocorre entre a dupla: um compreende o discurso do outro, concorda, completa, em uma atitude ativamente responsiva.

Em um momento à frente, a dupla volta a pensar na ideia de falar da arte gráfica do vídeo, e discute como encaixar essa informação no texto:

- M.L.:** Trata-se de uma animação...
- M.:** De uma animação...
- M.L.:** Que com seus gráficos...
- M.:** E cores.
- M.L.:** Fortes, transmitem...
- M.:** Cores escuras, fortes.
- M.L.:** Mas aí, é como se fosse cores fortes... (...)
- M.:** (...) Como é que é? Nubladas, não.
- M.L.:** Não, pô, são cores fortes...
- M.:** São cores tristes.
- M.L.:** São cores fortes
- M.:** Não, mas o amarelo...
- M.L.:** Cores fortes indicam seca.
- M.:** Mas num é, o nome não é forte não, né? É, tipo, cor... Cor escura, não. Cor... Noturna, cor marrom, amarronzada.
- M.L.:** São cores fortes.
- M.:** É? Certeza?
- M.L.:** Cores fortes.
- M.L.:** Cores fortes, de tons avermelhados.
- M.:** Eu acho que é com cores fortes. Cores escuras? Tons escuros?
- M.L.:** Tons fica mais, assim, imponente, né?
- M.:** Vai. Bóra. Continua. Trata-se de uma animação... É... onde os... Não, onde não.
- M.L.:** Não. Onde...
- M.:** (...) Em que o cenário, com cor, tons escuros...
- M.:** Com tons... Num é... Éee... Num é tom forte, ainda acho que é tom escuro. Com tons neutros, não, que num é neutro. Com tons... Que forte pra mim ainda é uma cor muito forte, e isso aí num é forte é ao contrário.
- M.L.:** Como num é forte?
- M.:** Ah, é cor escura.
- M.L.:** Quente, cores quentes.
- M.:** Não. Cores quentes é laranja, vermelho...
- M.L.:** E essa cor aí é o que?
- M.:** Isso aqui? Marrom.
- M.L.:** Laranja lá no chão, no terreiro.
- M.:** Num é, é uma cor escura.
- M.L.:** É quente. Cores quentes, pra dar sofrimento.
- M.:** É. Tá. Faz sentido.

Antes de seguirmos, lembremos que a ideia de mencionar a arte gráfica do filme na resenha foi de M., que teve sua ideia refutada por M.L. inicialmente, mas, logo em seguida, aceita e ampliada.

Nos fragmentos do diálogo que vemos acima, é possível perceber a ocorrência de um conflito, gerado pela escolha dos adjetivos a serem utilizados para caracterizar os aspectos gráficos dos filme: primeiramente, M.L. afirma que são cores fortes e M. refuta, dizendo que são cores tristes, nubladas, escuras; M.L., então, observa que são cores quentes, mas M. insiste que são cores escuras; por último, M. concorda que são cores quentes. Aqui, vimos que M.L. conseguiu influenciar M. na escolha dos adjetivos que seriam colocados no texto.

Há, ainda, durante a produção textual, diversos outros momentos de discussão em que ora um dos sujeitos é influenciado, ora o outro. Levando em consideração os pressupostos bakhtinianos, o que vemos acontecer é o processo de comunicação discursiva, acontecendo entre dois sujeitos socialmente organizados, que realizam um diálogo constante entre si e com outros discurso. Esses sujeitos são o eu e também o outro, que orientam toda a enunciação, influenciando e sendo influenciados em suas escolhas linguísticas.

Considerações finais

Nosso objetivo com este trabalho foi observar as estratégias de negociação de dois sujeitos universitários, M. e M.L., durante a produção de um texto elaborado conjuntamente, com vistas a verificar de que maneira um influencia o outro na enunciação.

A partir das nossas análises, pudemos observar que os escreventes discutiram e fizeram escolhas linguísticas em um processo de negociação amistoso, sem criarem grandes conflitos: um compreendia o discurso do outro, concordava ou não, completava, reformulava, em uma atitude ativamente responsiva. Vimos que, embora tenha havido, em alguns momentos, maior influência de um sobre o outro, na maior parte da produção, houve influência mútua, o que não permitiu que, ao final da produção, um se sobressaísse em relação ao outro.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Jakobson e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.